



Cartografias em devir: o plano de imanência nas pesquisas em educação

*Josemary da Guarda de Souza**

*Daniele Farias Freire Raic***

Resumo: O presente texto tem por objetivo apresentar as potencialidades das pesquisas em educação articuladas com o desenho metodológico cartográfico experimentado durante a realização do mestrado acadêmico em educação. Os dispositivos de pesquisa apresentados ao longo deste texto se articulam com as perspectivas teóricas em torno da filosofia da diferença, com destaque para os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari e, por conseguinte, do devir e do plano de imanência como potências afirmativas a partir das quais se torna possível apostar em um plano comum da pesquisa, ampliando o sentido da participação coletiva. Argumenta em favor da cartografia como um exercício de pensar rizomaticamente, de estabelecer conexões como agenciamentos coletivos e do movimento criativo e inventivo como possibilidade para criação de um plano de imanência articulado com os processos de transversalidade (Guattari, 2004), da implicação (Passos; Eirado, 2009) e nos modos de “fazer com” (Alvarez; Passos, 2009).

Palavras-chave: Pesquisa em Educação; Pesquisa Cartográfica; Devir; Plano de Imanência

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Assistente em Administração na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: josemary@ufrb.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149667587132325>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3818-5912>.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: danielefreire.uesb@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4533758377131599>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-736X>.

Cartographies in becoming: the plan of immanence in educational research

Abstract: The goal of this text is to present the potential of educational research in conjunction with the cartographic methodological design experienced during the course of an academic master's degree in education. The research devices presented throughout this text are articulated with the theoretical perspectives around the philosophy of difference, with emphasis on the studies of Gilles Deleuze and Félix Guattari and, consequently, of becoming and the plan of immanence as affirmative powers from which it becomes possible to bet on a common plane of research, broadening the sense of collective participation. It argues in favor of cartography as an exercise in thinking rhizomatically, of establishing connections as collective agencies and of creative and inventive movement as a possibility for creating a plan of immanence articulated with the processes of transversality (Guattari, 2004), of implication (Passos; Eirado, 2009) and in the ways of "doing with" (Alvarez; Passos, 2009).

Keywords: Research in Education; Cartographic Research; Becoming; Plan of Immanence

Cartografías en devenir: el plano de la inmanencia en la investigación educativa

Resumen: El objetivo de este texto es presentar las potencialidades de la investigación educativa en conjunción con el diseño metodológico cartográfico experimentado en el transcurso de una maestría académica en educación. Los dispositivos de investigación presentados a lo largo de este texto se articulan con las perspectivas teóricas en torno a la filosofía de la diferencia, con énfasis en los estudios de Gilles Deleuze y Félix Guattari y, en consecuencia, del devenir y el plano de la inmanencia como potencias afirmativas desde las cuales se hace posible apostar por un plano común de investigación, ampliando el sentido de participación colectiva. Se aboga por la cartografía como ejercicio de pensamiento rizomático, de establecimiento de conexiones como agencias colectivas y de movimiento creativo e inventivo como posibilidad de creación de un plano de inmanencia articulado con

los procesos de transversalidad (Guattari, 2004), de implicación (Passos; Eirado, 2009) y en los modos de "hacer con" (Alvarez; Passos, 2009).

Palabras clave: Investigación Educativa; Investigación Cartográfica; Devenir; Plano de Inmanencia

Notas introdutórias

*Quem poderá fazer aquele amor morrer
Nossa caminhada
Dura caminhada
Pela noite escura
(Gilberto Gil, Drão)*

A canção composta por Gilberto Gil para sua ex-esposa Sandra, apelidada carinhosamente de Drão, nos faz pensar como nascem uma pesquisa e uma escrita. Se, em tese, ambas se desenvolvem em torno de um problema ou de uma questão norteadora e, portanto, a partir de um objeto de estudo, o problema colocado como motor do pensamento (Deleuze, 2020) desloca a pesquisa sujeito-objeto para o campo da criação de novos problemas, implicada em um território de experiência? Nestes termos, seria possível nos afastarmos das pesquisas de cunho quantitativo, baseadas em modelos lógicos-matemáticos, para enveredarmos em caminhadas que atualizam as potencialidades das pesquisas em educação? Contudo, como seguir numa caminhada, sendo atravessada por imperativos que tendem a nos tornar rígidos e engessados? Tomamos de empréstimo os versos de Gil, para assim como Deleuze e Guattari (2011b) pensarmos os devires como os movimentos que nos permitem dramatizar (Deleuze, 2004) novos modos pesquisantes.

Este texto, oriundo de uma pesquisa de mestrado que discutiu as possibilidades da educação menor (Gallo, 2003) como processo de resistência, considera o devir como movimento, mudança no modo de se comportar e de sentir as coisas. Ao assumirmos que os dados mais familiares

e as nossas relações com o cotidiano da existência mudam de sentido (Zourabichvili, 1997), não pretendemos incorrer no erro de nos aligeirarmos em apresentar o devir como receiptuário, pretendemos apenas assegurar a sua importância ao colocarmos em perspectiva as práticas das pesquisas em educação e as potencialidades da cartografia enquanto desenho metodológico que se articula a partir da processualidade, do caminhar, de estar em devir junto ao território de pesquisa.

Neste sentido, lançamo-nos nesta escrita com a perspectiva de realizar o mesmo exercício que Deleuze e Guattari (2011b) praticam no platô 10, 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível do volume três da obra *Mil Platôs*, qual seja, ao ordenarmos diferentes lembranças, os movimentos de dobrar, redobrar, desdobrar fazem emergir na processualidade das caminhadas pesquisantes o encontro com “‘coisas’ que se enrolam e se desenrolam, se envolvem e de se desenvolvem, se dobram e se desdobram, se implicam e se explicam, e assim se complicam” (Zourabichvili, 2016, p. 112). Assim, acreditamos que a pesquisa implicada se atualiza juntamente com os territórios de existência, se afasta da neutralidade científica, pois encontra-se imersa nos movimentos que rizomaticamente fogem das normatividades e homogeneizações tanto da escrita como das pesquisas acadêmicas.

Dessa posição, desejamos transversalizar camadas que se fazem heterogêneas ao longo do espaço-tempo, condensando épocas e comunicando diferenças, não por contiguidade ou justaposição, mas por implicação. Assim, o sujeito que escreve e também pesquisa desaparece (Foucault, 2009), porque o que habita o pensamento vai sendo desestabilizado pelo corpo sem órgãos¹, problematizando os territórios de existência, vai se distanciando desse sujeito autocentrado e pleno de

¹ Conceito criado por Deleuze e Guattari, a partir do encontro com “o corpo pleno sem órgãos, o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 20) de Antonin Artaud. Apresentado nas obras *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, o Corpo sem Órgãos (CsO) é uma forma de desarranjar e desestabilizar a máquina desejante, investindo-a de uma imanência onde se produzem linhas de fuga. O corpo como imagem deixa de ser uma organização para se tornar fluidez.

identidade que a modernidade supõe. Essa criação que inventa o próprio homem vai perdendo espaço porque “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 19).

Tomamos as nossas andanças e composições como as linhas pelas quais assumimos a pesquisa em seus dinamismos. Assim, as lembranças além de nos afastarem “das linhas de fuga, que sempre ameaçam abandonar suas potencialidades criadoras para transformar-se em linha de morte, em linha de destruição pura e simples (fascismo)” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 236), reafirmam nossa atitude em substituir “o simples ponto de vista do condicionamento pelo ponto de vista da gênese efetiva” (Deleuze, 2020, p. 156). Em decorrência de tal posicionamento, ordenamos as nossas diferentes lembranças a fim de apresentar o percurso do presente texto em torno de questões atinentes às pesquisas em educação articuladas com a transversalidade (Guattari, 2004), com a implicação (Passos; Eirado 2009) e com a busca pelos modos de “fazer com” (Alvarez; Passos, 2009).

Lembranças do caminho

Os espaços-tempo pelos quais transitamos até aqui foram e são entrecortados por paisagens da cidade e do campo, por caminhadas por vezes longas e duras, outrora divertidas e leves. Nosso transitar entre o rural e o urbano, às vezes abreviado por uma carona ou o pagamento de um frete, seguia por estradas de chão onde a grama não mais crescia, uma dura caminhada que não gostávamos de realizar, ao menos na ida. A volta era sempre mais divertida, podíamos parar, sem a pressa de chegar, para aproveitar o pôr do sol e admirar a paisagem. Na borda do caminho, a grama que resistia às nossas duras passadas, onde os carros passavam, o meio se compunha da grama que afrontava o peso dos pneus. Por todo lado havia grama, mas olhando para cima, só enxergávamos as árvores. Podemos supor que essa fixidez do olhar refletia uma imutabilidade do pensamento, que se repetia e engendrava uma hierarquia, uma ordem estabelecida? (Deleuze;

Guattari, 2011a) Por qual razão a copa das árvores e suas raízes mereciam mais a nossa atenção do que toda a potência de um espaço gramado, não cultivado e, portanto, no qual residia a possibilidade de criação?

Para o nosso trabalho esta é uma constatação importante. As perspectivas ontológica e epistemológica que dão o contorno ao nosso estudo problematizam a concepção do conhecimento organizado em modelo arbóreo e, por conseguinte, binário e representacional (Gallo, 2007; Deleuze; Guattari, 2011a; Tadeu, 2010). Em linhas gerais, temos que desde a antiguidade clássica grega, a realidade passou a ser pensada em modelo dual, a partir do qual havia duas maneiras de conhecer: a) *doxa* – a opinião, crença ou ilusão (o mundo sensível proposto por Platão); b) *epistemé* – conhecimento verdadeiro (mundo inteligível). “A modernidade logo incorporou a doutrina dos dois mundos, na forma de uma racionalidade [...] manteve intacta a ideia de que fora deste mundo haveria um outro mundo, povoado pelas representações mentais [...]” (Veiga-Neto, 2015, p. 123).

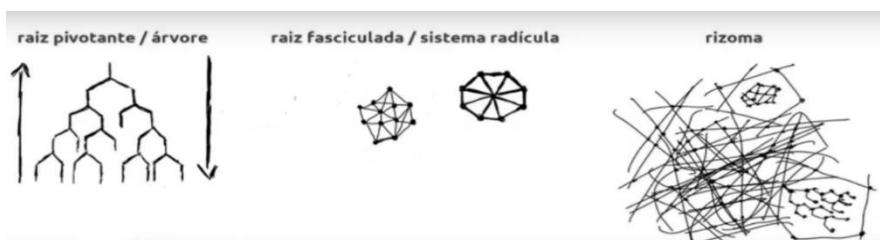
Quando, em 1977, Claire Parnet conversa com Deleuze sobre seu trabalho filosófico, mais especificamente sobre a temática que aqui nos interessa, ela desenvolve a seguinte construção acerca do conceito de *rizoma* proposto pelo filósofo em seu trabalho conjunto com Félix Guattari:

Vocês começaram a opor o rizoma às árvores. E as árvores não são uma metáfora, são uma imagem do pensamento, são um funcionamento, são todo um aparelho que se planta no pensamento para fazê-lo andar direito e fazer com que produza as famosas idéias *[sic]* justas. Há todo tipo de caracteres na árvore: ela tem um ponto de origem, germe ou centro; é máquina binária ou princípio de dicotomia, com suas ramificações que repartem e se reproduzem perpetuamente, seus pontos de arborescência; é eixo de rotação, que organiza as coisas em círculo, e os círculos em torno do centro; ela é estrutura, sistema de pontos e de posições que enquadram todo o possível, sistema hierárquico ou transmissão de comandos, com instância central e memória recapituladora; tem um futuro e um passado, raízes e um cume, toda uma história, uma evolução, um desenvolvimento; ela pode

ser recortada, conforme cortes ditos significantes à medida que seguem suas arborescências, suas ramificações, suas concentricidades, seus momentos de desenvolvimento. Ora, não há dúvida de que nos plantam árvores na cabeça: a árvore da vida, a árvore do saber etc. Todo mundo pede raízes. O Poder é sempre arborescente (Deleuze; Parnet, 1988, p. 21-22).

A imagem da árvore, não como metáfora, mas como figura do pensamento, se contrapõe à teoria das multiplicidades apresentada por Deleuze e Guattari na obra *Rizoma* (1976), incorporada a *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1980), volume um da edição brasileira. No movimento de pensar a multiplicidade do pensamento, os autores apresentam o conceito de *rizoma*, termo emprestado da botânica, que “como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 21); distingue-se de uma lógica binária que opera tantos nos sujeitos como nos objetos, de relações biunívocas que “dominam ainda a psicanálise (a árvore do delírio na interpretação freudiana de Schreber), a linguística e o estruturalismo e até a informática” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 20). A grama inclusive é esse rizoma que se ramifica em todos os sentidos.

Figura 1 - Comparação entre os sistemas arbóreo, radícula e rizoma



Fonte: Carlos Cardoso (2020)

Na imagem acima é possível observar que “o rizoma não anula a existência dos sistemas arbóreo e radícula, mas os engloba na sua multiplicidade. Ele não nega os padrões e as estruturas da realidade, mas a coloca em um novo arranjo, qual seja, como conexão” (Souza; Raic, 2021,

p. 6-7). O rizoma, como gostam de lembrar Deleuze e Guattari, anula as ideias de início e fim, de um ponto de chegada para um ponto de partida. Ele é, assim como a grama da nossa caminhada, *intermezzo*, um *entre* que

não designa uma correlação localizável, que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma *e* outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 49).

Nosso encontro com as lembranças, que podemos chamar de memórias curtas (Deleuze; Guattari, 2011a), não é uma tentativa de fundamentar nosso caminho por meio de experiências passadas. Muito pelo contrário, é uma conexão que, em vias de descontinuidade, pode ir e vir – produzir rupturas e multiplicidades. Não procuramos um ponto central, a partir do qual desenvolveremos nossas perspectivas, ou regras que conduzam o melhor caminho a seguir. Nosso movimento se faz como um exercício prático dessa caminhada pelo meio, *entre* a grama, como um “aprendizado da sensibilidade ao campo de forças” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 201).

Lembranças edipianas

O movimento de pensar a multiplicidade do pensamento é um traço marcante da filosofia francesa contemporânea que se distanciava dos estudos relacionados à história da filosofia como produção filosófica, para a partir dela traçar

[...] encontros/desencontros [...] diferentes referências, distintas leituras e releituras [...] o processo de libertação da filosofia de uma certa tradição mais recente, que circunscrevia a produção filosófica numa triangulação – similar àquela da edipianização, com que Freud circunscreve a produção do desejo – entre o

positivismo, a fenomenologia e a crítica, impedindo novas experiências do pensamento (Gallo, 2003, p. 30).

A crítica à psicanálise freudiana foi a tarefa desenvolvida por Deleuze e Guattari na obra *O Anti-Édipo* (1972), produzida como resultado da efervescência do ano de 1968, na França. A psicanálise proposta por Freud utiliza a figura de Édipo, personagem central da tragédia grega *Édipo Rei*, produzida por Sófocles, para a partir da relação conflituosa entre pai e filho desenvolver sua teoria da relação entre progresso e sentimento de culpa e, por conseguinte, do desejo como falta (Marcuse, 1969). Considerando os temas centrais da referida obra, podemos identificar: a) uma forte crítica ao inconsciente como uma forma teatral, de uma representação; b) a ideia de que há mais, muito mais, fluxos de construções histórico-mundiais do que uma contingência familiar propriamente dita (Deleuze; Guattari, 2011a). Esta crítica à psicanálise freudiana atravessa não apenas *O anti-Édipo*, mas outros trabalhos de Deleuze e Guattari, dentro os quais destacamos *Kafka: por uma literatura menor* (1975).

A ideia de Édipo formulada a partir de uma triangulação familiar (pai-mãe-filho), na qual o pai ocupa o lugar do culpado e não cessa de culpar o filho, assume no interior da obra de Franz Kafka um caráter muito mais cômico do que dramático. Primeiro porque se observa a existência de outros triângulos além do familiar, alguns muito mais ativos, inclusive (Deleuze; Guattari, 2017). “Ora é todo o triângulo que muda de forma e personagem, e se revela judiciário, ou econômico, ou burocrático, ou político etc.” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 25). De outro modo, a existência de tantos triângulos opressores coloca em evidência a possibilidade de escapar destes determinismos, criando linhas de fuga, como um devir animal ou como aconteceu como o pai de Kafka

[...] enquanto judeu deixando o campo para se estabelecer na cidade, é, sem dúvida, tomado em um movimento de desterritorialização real; mas não cessa de se reterritorializar, na família, em seu comércio, no sistema de suas submissões e de suas autoridades (Deleuze; Guattari, 2017, p. 27).

Pretendemos, pois, evitar as triangulações e os determinismos no nosso caminhar. Quando falamos em primeira pessoa do plural, não o fazemos em referência ao triângulo-pesquisa (pesquisador-orientador-teóricos), buscamos, pelo contrário, o seu desfazimento, por meio de uma potência que opera na multiplicidade dos nossos intercessores e encontros. A força que nos move deseja encontrar e produzir afetos, afetar e ser afetada, se estabelecer em um território de pesquisa e traçar planos comuns com os sujeitos que o compõem. Somos povoamento, “interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio [...]. Eu sou legião” (Deleuze; Guattari, 2011b, p. 20).

Destacamos, contudo, que a fluidez do nosso percurso não nos afasta da busca pelo rigor e “qualidade epistemológica, metodológica, ética e política, socialmente referenciadas” (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009, p. 75). Entendemos que uma pesquisa nasce também do rigor que ela acolhe e cultiva e, portanto, da sua emergência político-epistemológica e de como desejamos a partir dela encontrar a maneira pela qual foi possível a outros trabalhos “reinventar e repolitizar a ciência, a construção e a relação com o conhecimento, inclusive o conhecimento considerado formativo” (Macedo; Galeffi; Pimentel, 2009, p. 78). Não nos encontramos em nenhum platô de certeza, tampouco nos vemos em condições de afirmar o que é, nos interessa mais o que pode o ser, privilegiar o devir, assumindo de algum modo uma “teoria da individuação” (Silva, 2017), ainda que as questões que o presente-futuro nos impõe não estejam sob o nosso domínio conceitual e formativo (como não poderia deixar de ser). Assim, confessamos que não há como “a metodologia qualitativa humanista convencional, inventada pelo cogito cartesiano, [...] ajudar com essa forma futura — um novo modo de ser, uma enorme mudança na ordem das coisas” (St. Pierre, 2018, p. 1.059).

Lembranças rizomáticas

Tendo realizado os apontamentos e considerações que nos conduzem em linhas opostas à edipianização, sem, contudo, desconsiderarmos os riscos da redipianização e da reterritorialização, nos vemos em condições de avançar nessa caminhada – como gostamos de chamar as linhas que conduzem a nossa pesquisa; molares, linhas duras, porque não ignoram nossos trajetos familiares, escolares, religiosos; e moleculares porque nos colocam em um campo de imanência, de produção de desejos e singularidades.

Conforme evidenciamos anteriormente, o *rizoma* devém como um conceito que abre espaço para o nosso método. Tendo escrito cinco obras conjuntas, *Rizoma*² é exatamente aquela que se encontra entre as produções de Deleuze e Guattari posterior a *O anti-Édipo* (1972) e *Kafka: por uma literatura menor* (1975), anterior a *Mil Platôs* (1980) e a *O que é a filosofia?* (1991). O rizoma como um *entre* seria essa conexão, um devir-presente, como aquela grama de que falamos anteriormente, que cria espaço para a velocidade em seu sentido espinosano, para o nômade no qual “o movimento já não vai de um ponto a outro, ele se dá, antes, entre dois níveis como em uma diferença de potencial. É uma diferença de intensidade que produz um fenômeno, que o solta ou o expulsa, o envia para o espaço” (Deleuze; Parnet, 1988, p. 26).

Assim como Deleuze e Guattari (2011a, p. 22), “sentimos que não convenceremos ninguém se não enumerarmos certas características aproximativas do rizoma”. A sua enumeração não segue uma ordem ou hierarquia por nós pré-definida, apenas acompanha uma organização utilizada pelos autores. Destacamos que as edições mais antigas da obra *Mil Platôs* apresentam tais princípios separadamente, o que não ocorre na versão que aqui utilizamos, cujos dois primeiros e os dois últimos são apresentados

² A obra *Rizoma: Introducción* foi publicada na França em 1976, sem tradução no Brasil. Em 1980, foi incorporada ao livro *Mil Platôs* como platô introdutório.

de forma conjunta, o que para nós denota a transversalidade e a complexidade dos princípios do rizoma.

a) *Princípio da conexão*: em um rizoma não há uma unidade central a partir da qual um ponto se conecta com o outro. Pelo contrário, conectam-se de maneiras múltiplas, assim como são as entradas e saídas de uma toca. Fazemos uma pesquisa que perspectiva conectar sujeitos-históricos por entradas que se fizeram múltiplas. Como seus mapas-rizomas seriam modificados se seus pontos de entradas fossem outros?;

b) *Princípio da heterogeneidade*: se um rizoma não cessa de criar conexões, ele modifica os elementos diversos que se conectam por zonas de vizinhança. São as heterogêneses que interessam a nossa pesquisa, as criações que emergem dos sujeitos-conectores que compõem um território que acolhe e atravessa devires-menores;

c) *Princípio de multiplicidade*: o múltiplo se afasta da necessidade de uma unidade central, que objetiva e subjetiva seus elementos. As multiplicidades compõem um plano de consistência a partir das conexões que nele se estabelecem, a partir das linhas que o atravessam e das desterritorializações que produz. Quais multiplicidades encontraremos na nossa pesquisa? As encontraremos ou as fabricaremos?;

d) *Princípio de ruptura assignificante*: se relaciona diretamente com os princípios de conexão e heterogeneidade, reiterando que o rizoma, ainda que interrompido, pode ser retomado, alongado, a partir das linhas que o compõem, como um devir que se faz a todo instante. Quantos desencontros e recomeços atravessarão as nossas pesquisas?;

e) *Princípio de cartografia*: um rizoma é cartográfico, pois, como veremos em seguida, ele não faz cópias ou decalques mas mapas. Um mapa é sempre criação, compõe-se das conexões de territórios. Eis que aqui encontramos um caminho a partir do qual se desenha a nossa perspectiva de uma imanência;

f) *Princípio de decalcomania*: por não ter um centro gerador, um rizoma é estranho à ideia de uma unidade central, a partir da qual proliferam cópias, tal qual em um decalque que se reproduz infinitamente.

Neste ponto, gostaríamos de defender claramente aquilo de que se investe o nosso processo de pesquisa e escrita, pensar rizomaticamente, e inserirmo-nos no caos do pensamento, estabelecer conexões como agenciamentos coletivos, instalarmo-nos no movimento criativo e inventivo que as zonas fronteiriças nos lançam [em velocidade e potência], criarmos um plano de imanência que seja essa vida, esse momento, sem desprezar os espaços-tempo que deles derivam. Nossas atualizações são como um movimento da dança, que nos transpõe no ar, afrontando a gravidade.

Lembranças de uma inquietação

Não sem esforço nos situamos em um território, construindo as linhas da presente pesquisa/escrita processualmente: primeiro porque fomos afetadas muito mais por uma inquietação do que por uma problemática; depois, muito depois, por percebermos que a escolha, tanto pela temática quanto pelos métodos, não se tratava de uma “vontade ciente ou intenção” mas uma implicação que “[...] se atravessa constituindo valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos [...]” (Passos; Barros, 2009, p. 20). Reiteremos nossa imersão no território da pesquisa sem pseudoneutralidade, estamos implicadas neste processo na condição de desenvolvermos uma pesquisa como ato político, a partir da qual nos colocamos abertos “aos encontros, ao imediatismo, aos acasos, para que possa haver capturas de múltiplos acontecimentos que irão configurar um caminho a ser percorrido, e, ao mesmo tempo, sua construção (caminho) poderá produzir sentidos para esses acontecimentos” (Pezzato; Prado, 2013, p. 175).

Ao buscarmos a ampliação da nossa compreensão do mundo para além da fixidez de uma realidade imutável, fazemos da cartografia uma ferramenta que nos aproxima da “nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas” (Escóssia; Tedesco; 2009, p. 92) em nossos percursos imanentes. Não nos preocupamos com classificações

e descrições, nos interessam mais os movimentos de criação, a trajetória e não o ponto de chegada. Ao aceitarmos o fluxo dos movimentos, investimos nas potências dos atos de criação e abdicamos da segurança das certezas, do conforto de ter em mãos o controle (Grupo Transversal, 2015), sem, contudo, negarmos o nosso planejamento, por meio de uma atitude que nos aproxima de “um corpus teórico capaz de [nos] auxiliar nas composições que [pudermos] fazer (Raic, 2020, p. 50, destaque nosso).

Desejamos, pois, estar sensíveis aos signos com os quais nos encontrarmos nesta caminhada, considerando o mundo não como coisa acabada, encerrada em si mesma, mas como aquilo que precisa ser produzido por meio dos encontros, afecções e conexões criados ao longo da processualidade da nossa pesquisa. Estamos cientes, contudo, de que ao aceitarmos o campo da nossa pesquisa em um plano de imanência, estamos aceitando também um plano de coexistências das virtualidades, de todas as potências, de todos os planos e de todas as filosofias que dele emergem (Zourabichvili, 2016).

Não nos apressamos e tampouco é nosso intento demarcar nossa metodologia de pesquisa por termos classificatórios, não a chamaremos de pós-estruturalista, pós-modernista, pós-crítica, pós-qualitativa por entendermos que “isso é muito pouco para delimitar um esforço de pensamento e produção conceitual” (Gallo, 2003, p. 30). Podemos, contudo, afirmar que o nosso desejo é de nos afastarmos das pesquisas que se baseiam

[...] na descrição iluminista e humanista do ser humano, da linguagem, do material, do empírico, do real, do conhecimento, do poder, da liberdade [...] urge resistir à força da quantificação da ciência social positivista e isenta de valores; perturbar os cânones disciplinares e excludentes, promovendo a inclusão do conhecimento dos despossuídos; e tornar públicos o conhecimento e as experiências cotidianas dos oprimidos, dos perdidos e dos esquecidos (St. Pierre, 2018, p. 1.048-1.050).

Assumindo que procurarmos mapear as forças dos processos que constituem nosso território de pesquisa (Centro de Ensino de uma Universidade Federal do interior da Bahia), assumimos ainda que ao re-acessarmos este mapa produziremos diferenciações, inventaremos/encontraremos outros problemas. Cientes das dificuldades que uma pesquisa desta natureza nos impõe, mantemos em nosso horizonte a crença neste mundo no qual é possível promover as perturbações e inclusões de que nos fala St. Pierre. Reafirmá-lo como imanência, conforme gosta de nos lembrar Deleuze (2020), acreditando que é possível vencer o cansaço, o comodismo, a credulidade e a impotência (Gallo, 2015).

Lembranças de uma dramatização

O que podemos fazer, pesquisadores? Como nós poderíamos investigar? Que tipos de investigações podem ser pensáveis em diferentes modos de ser, em diferentes ontologias? Será que nós investigaríamos? A investigação é imaginável sem o sujeito conhecedor? Tudo isso pode ser demasiado difícil de pensar, e não estou certa de que possa escapar suficientemente do cogito cartesiano em que fui treinada – para ser a investigadora acadêmica produzindo conhecimento – a fim de pensar de forma diferente. Certamente, pareço somente pular de pergunta em pergunta.
[...]
Por que e quando nos dividimos? Que conceito(s) e prática(s) estamos com medo de perder? Estaríamos arriscando perder nosso próprio ser, a nós mesmos? Seria essa uma perda muito grande?
(St. Pierre, 2018)

As pesquisas de cunho cartográfico têm mostrado que, “mais importante do que encontrar a verdade, é seguir o rizoma, as conexões e, nestes atravessamentos, entender quais produções [...] foram alcançadas naquelas redes construídas” (Souza; Raic, 2021, p. 9). Arriscando a dança

louca das borboletas de Zé Ramalho, ousamos dizer que não perderemos a nós mesmos, mas nos encontramos como composição com o outro, com os planos de forma e força que coexistem e coengendram esta vida, que chamamos de imanência, assim como o fez Deleuze. Assumindo a existência potente das multiplicidades, tornamos menos pesadas todas as perguntas de St. Pierre, das quais também compartilhamos; assumimos além do mais usos “[...] do tipo rizoma e não mais árvore, que procedem por interseções, cruzamentos de linhas, pontos de encontro no meio: não há sujeito, mas agenciamentos coletivos [...]” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 22).

Destacamos que o coletivo na perspectiva aqui trabalhada não opera como o

domínio da organização formal da sociedade reconhecida nas diferentes instituições que a constituem e, assim, aproxima-se de noções como a de Estado, sociedade comunidade, coletividade, povo, nação, massa, classe ou da dinâmica das interações grupais (Escóssia; Tedesco, 2009, p. 93).

Os agenciamentos coletivos operam pelos “fluxos que arrastam as pessoas e as coisas, e só se dividem ou se juntam em multiplicidades” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 98); os agenciamentos coletivos compõem as relações de força – de poder que não são singulares, não têm objeto, nem sujeito a não ser a própria força (Deleuze, 1988). Assim é que trabalharemos a ideia de coletivo a partir da conexão estabelecida entre os planos de forma e de força que “embora distintos [...] não se opõem, e sim constroem entre si relações de reciprocidade que asseguram cruzamentos múltiplos” (Escóssia; Tedesco, 2009, p. 94).

Operar pelo plano das forças implica não negarmos o plano das formas – dos saberes instituídos, mas assumirmos que enquanto o saber opera por funções formalizadas como punir, educar, tratar, ordenar, o poder que emana das forças não é aquele a partir do qual a repressão existe. As relações de força compõem com o espaço-tempo, constituem uma potência positiva e produtiva cujo efeito gera afetos e afecções. O poder de ser

afetado constitui a matéria da força, enquanto o poder de afetar a sua função (Deleuze, 1988).

Nosso esforço, portanto, vem dessa constituição dramática que opera pelos agenciamentos coletivos, em seus processos de atualização e diferenciação. Enquanto “as metodologias tradicionais de pesquisa não conseguem apreender a marca mais genuína da realidade, seu processo contínuo de individuação, ou se preferirmos, seu processo de criação” (Escóssia; Tedesco, 2009, p. 99), a cartografia pelos seus fluxos rizomáticos nos permite “fazer derivar, num processo de diferenciação, novas formas ainda não atualizadas” (Escóssia; Tedesco, 2009, p. 100).

Ao assumirmos a pesquisa em uma dimensão dramática, nos afastamos das perguntas que se referem ao que é, uma vez que nos interessa como, quando, onde, quem e, por conseguinte, a processualidade, o devir, aquilo que é constituído a partir das questões que levamos para o campo e daquelas que emergem quando já estamos inseridas em tal território. Dramatizar tem a ver com significar os espaços-tempo em sua dimensão embrionária com os acontecimentos que atravessam os percursos da imersão no campo de pesquisa. Deste ponto, entendemos que a cartografia nos permite mapear um território sem pseudoneutralidade; interagimos, afetamos e somos afetados pela processualidade da pesquisa, pela conexão com os sujeitos nela inseridos. Cartografar tem a ver com atualizar conceitos, questionamentos, lugares, ideias, investi-los de uma significação singular que não se confunde com a nossa experiência, mas com o *intermezzo* das relações diferenciais que se atualizam no nosso campo de investigação.

As pesquisas em educação que se articulam com as subjetividades e singularidades buscam de algum modo romper com os modelos lógico-matemáticos, com os padrões pré-estabelecidos, para alcançarem novos limiares dos espaços educacionais, a fim de

compor outros cenários, abrir atalhos, criar outras escolas ou escolas outras a partir de um ponto de vista particular: uma perspectiva que seja mais esperançosa, mas não a esperança vazia da resignação; uma

esperança mais afirmativa (Gallo; Monteiro, 2020, p. 189).

A imersão no campo que apresentaremos a seguir foi construída a partir dos dinamismos cartográficos e articulou-se com a filosofia foucaultiana dos dispositivos apresentada por Deleuze (1996) e, portanto, admite em seus percursos o desequilíbrio, linhas que ora se conectam, ora se quebram; uma conjunção de sujeitos, objetos sensíveis, enunciados, significações que criam tensões, vetores de força e o plano comum (Kastrup; Passos, 2016) de um território a partir do qual as relações avançam no sentido da criação de conceitos e de uma realidade que não está pronta e acaba aguardando apenas sua reconhecimento.

O primeiro passo da longa caminhada: encontro com o caos

Durante o processo de imersão no campo, percebemos que encadear os nossos dispositivos de pesquisa ou ordená-los em primeiro e segundo “lugar” – no que se refere às suas respectivas realizações – se tornou algo bem difícil de ser pensado e articulado. As razões foram as mais diversas possíveis; a mais relevante, contudo, foi entender/compreender/admitir/assumir e admirar o pensamento funcionando tão apenas e somente no caos. Conexões se formando rapidamente, muito mais ligeiras do que o traçado do lápis no papel. A lembrança das aulas de biologia sobre o funcionamento dos neurônios foi deixando de fazer sentido para dar espaço a uma outra dimensão do pensamento:

O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de "dendritos" não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas faz do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua

articulação, banha todo um sistema, probalístico incerto [...] (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 34).

Nesse sistema probalístico incerto da descontinuidade, de idas e vindas, um caminho foi se desenhando e rizomaticamente muitos afluentes se formaram, as conexões chegavam e nos diziam: “Não precisa ser apenas um encontro, não precisa ser sempre o mesmo grupo, não precisa ser todo mundo junto, no mesmo espaço-tempo [...]”. Assim, os contatos foram iniciados de formas diversas. A escolha dos participantes se deu por uma relação de proximidade temporal. Optamos por convidar autores/atores do Centro de Ensino que estivessem naquele território o mais próximo possível dos seus anos iniciais, tendo em vista a possibilidade de conhecermos seus percursos de chegada ao Centro, bem como suas primeiras impressões, angústias, anseios, enfim, esta complexa trama de sentimentos e significados que a chegada a um novo território e, por conseguinte, a saída de um território que nos é familiar pode nos oferecer.

A partir de então, buscamos no rol de possíveis nomes aqueles cuja chegada ao Centro de Ensino estivesse mais próxima possível dos seus anos iniciais, respeitando também neste processo os interstícios para as criações dos cursos de licenciatura, que não foram implementados de maneira homogênea. Decerto, muitas listas foram feitas e refeitas, até chegarmos a um número final de 12 (doze) participantes, distribuídos igualmente entre as categorias de servidores – técnicos e docentes – e estudantes, estes indicados por docentes, sendo dois egressos e dois ativos. Nesta seara, tivemos em nosso rol de estudantes aqueles vinculados aos cursos de Filosofia, Matemática e Pedagogia (três dos quatro primeiros cursos de graduação implementados naquele Centro de Ensino), além de Educação do Campo – último curso criado, tendo em vista a sua importância e resguardo com as características regionais da região onde a pesquisa foi desenvolvida.

O convite inicial se deu por meio de aplicativo de mensagens, em face da agilidade que esta ferramenta nos oferecia. Em seguida, formalizamos o convite, com o envio do respectivo Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE. Mantivemos contato por e-mail (criado especificamente para este fim) e pelos sites desenvolvidos para

apresentação da proposta de pesquisa e dos seus respectivos dispositivos, que serão apresentados logo em seguida.

Entre aromas e sabores: quem vem caminhar conosco?

O café é uma constante na nossa caminhada; seja nas lembranças do seu cheiro se esparramando pelos cômodos na casa dos nossos pais, seja dos colegas de trabalho que não dispensam tal iguaria, seja da sobrinha que amorosamente nos acolheu, seja nas divertidas aventuras pela estrada sempre acompanhadas de uma boa xícara [ou de um quente-frio] de café! Tocadas por tais memórias, não apenas como “uma exposição da memória involuntária, mas do relato de um aprendizado” (Deleuze, 2003, p. 03) e pelos momentos de pausa a partir dos quais o café nos permitiu embalar e saborear tantas conversas, optamos por convidar seus aromas para participarem conosco desta pesquisa. A despeito de toda técnica, expertise e estudos que se debruçam sobre os seus aromas e sabores, o que fizemos foi deslocar tal léxico sensorial³ a partir das experiências que atravessam o nosso contato com os autores/atores da nossa pesquisa.

Assim, este texto é fruto da composição que pudemos desenvolver juntamente com dois aromas específicos do café: a) **enzimáticos** – conhecidos por serem “compostos voláteis (ou seja, se transformam rapidamente e são fáceis de serem percebidos pelo olfato) e provêm da maturação do grão. Costumam acentuar-se quando o fruto passa por uma leve fermentação, processo que acontece especialmente entre a colheita e a secagem” (Aroma, 2019, n.p). O grupo de discentes, que entendemos serem os sujeitos mais variáveis dentro da estrutura de uma Universidade, dado o caráter temporal bem demarcado de sua presença neste espaço, mas que são o sentido maior de sua existência, serão assim tratados. Não nos escapa

³ Criado no Sensory Analysis Center (SAC) da Universidade do Estado do Kansas - EUA, o léxico sensorial identifica 110 (cento e dez) atributos de sabor, aroma e textura presentes no café e fornece referências para medir sua intensidade. O objetivo do léxico é avançar na compreensão da qualidade do café (World, 2022).

também como a estes cabem as quatro primeiras características do rizoma, eles são conexão, heterogeneidade, multiplicidade, linhas de segmentaridade, além de desterritorialização. b) **de caramelização** – “durante a Torrefação, o calor faz com que óleos essenciais (muito ricos em compostos aromáticos) sejam extraídos de dentro dos grãos, por isso é que o café torrado tem um aspecto levemente brilhante” (Aroma, 2019, n.p). A torrefação é o processo a partir do qual o grão do café passa por diversas transformações – há mudança de peso, de umidade, de coloração... – e no qual aparece grande parte dos aromas e sabores atribuídos a esta bebida (Senar, 2017). Ao grupo de servidores do Centro de Ensino – docentes e técnicos – atribuiremos as características da caramelização, por serem os vetores de força que fazem esta máquina funcionar, podendo imbuí-la da força desejante das máquinas de guerra, que produzem resistência [ou não!]. Eles e elas são uma processualidade, ocupam este território por períodos mais longos e, assim como no processo de produção do café, se constituem de intensidades “exatamente como uma velocidade e uma temperatura: não se compõem de velocidade ou temperaturas, mas envolvem-se noutras ou envolvem outras que marcam cada vez uma mudança de natureza” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 57-28).

Pensando nas pesquisas desenvolvidas pela *World Coffee Research* (*WCR*⁴) juntamente com a *Specialty Coffee Association* (*SCA*) – em tradução livre: Pesquisa Mundial do Café e Associação de Cafés Especiais, respectivamente – a partir das quais ousamos nomear os nossos participantes da pesquisa, nos valendo do deslocamento conceitual e da criação como potencializadores desta experiência de falar *sobre* alguém (o que sobremaneira já nos é muito caro), sem desvelar aquilo que primeiro lhe identifica e lhe constitui – um nome [em respeito à legislação vigente⁵ que garante o anonimato dos participantes de pesquisas acadêmicas/científicas]. Os aromas Enzimáticos Frutados chamaremos de: *Abacaxi, Cereja, Coco* e

⁴ <https://worldcoffeeresearch.org/>

⁵ Resoluções Nº 466/2012 e 510/2016 e Norma Operacional Nº 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Romã. Os De Caramelização: Amêndoa, Amendoim, Avelã, Baunilha, Canela, Cravo, Chocolate e Mel. Estes são, pois, “séries especiais [...] feitas de termos notáveis que desempenham o papel de conectores, porque eles aumentam a cada vez as conexões do desejo no campo da imanência” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 115). Doravante, faremos referência aos participantes da pesquisa apenas como “aromas”.

Encontro menor: dramatizando as coletividades

Por entendermos o aceite para participação em uma pesquisa como uma pausa em movimento, uma pausa na rotina diária para colocar em movimento memórias e afecções, nomeamos o nosso dispositivo inicial de pesquisa como “**Café menor**”, em alusão a esta pausa para o cafezinho. Conforme destacamos anteriormente, após contato inicial via aplicativo de mensagens, estreitamos os nossos laços por meio do ambiente virtual “Café Menor: uma pausa para encontros, memórias e lembranças...”. O primeiro passo foi definirmos uma data comum, que viabilizasse a participação de todos os aromas no encontro, que só se tornou possível virtualmente, tendo em vista as distâncias geográficas encontradas entre os autores/atores da pesquisa. Lembramos que muitos docentes do Centro não fixaram residência na cidade, bem como este território acolhe estudantes de regiões circunvizinhas.

A partir de tal dispositivo, apresentamos a nossa pesquisa – tanto presencialmente, como pelo site – criando um ambiente de trocas, compartilhamento e conexões. Adentrar neste território exigiu mais do que uma aproximação por afetividade ou reciprocidade espacial, requer o nosso compromisso em fazer uma pesquisa “com” e não “sobre” (Alvarez; Passos, 2009, p. 141). Optamos, nesse momento, por utilizar o encontro, tendo em vista a possibilidade de ampliarmos o sentido da participação coletiva e da escuta inter-entre os participantes, “a fim de se conseguir chegar a um ponto de tensão analítica em que um grupo problematizasse suas próprias

referências, interferências, fantasias, motivações e impotências, tornando-se sujeito de sua trajetória” (Simonini; Romagnoli, 2018, p. 924).

Tínhamos em mente que realizar este (re)encontro seria como nos lançar em uma viagem com o desconhecido; desde março de 2020 não mantínhamos contato com aqueles espaços, por conta do distanciamento social adotado como medida de proteção e contenção da disseminação do SARS-COVID-19. Muitas perguntas ocuparam as nossas mentes: qual Centro iríamos encontrar, quais atores/atores se lançariam neste encontro conosco? Nos afetamos com a ideia de que se existia alguma resposta para tais perguntas, elas não estariam em nenhuma de nós, nem em você, neles ou em mim, mas num pequeno espaço no meio, onde pretendemos nos instalar, renovar os desejos e atualizar as potências das nossas diferenciações. E assim, no dia 27 de julho de 2022, quarta-feira, às dezenove horas, nos reunimos via plataforma de transmissão de vídeo em tempo real, transformamos potências em possibilidades, ocupando não apenas uma brecha, mas um espaço a partir do qual nos foi possível “perceber que a coletividade também produz conhecimentos - com as múltiplas vozes que se apresentam – que não podem ser desprezados” (Resende, 2022, p. 43).

Iniciamos o encontro apresentando brevemente a pesquisa, posto que os aromas já tinham acesso ao site com suas informações mais relevantes. Em seguida, fizemos alguns esclarecimentos e apresentamos o TCLE. Concluído este rito inicial, mais “pró-forma”, avançamos no sentido de contarmos sobre nossas conexões com aquele Centro de Ensino, com os relatos das nossas andanças até chegarmos a este espaço com o qual estabelecemos relações de proximidade. A participação coletiva, inicialmente tímida, se deu em formatos variados, o que não impediu que o grupo alcançasse este ponto de tensão de que nos falamos Simoninni e Romagnoli (2018), a partir do qual foi possível não apenas problematizarem suas próprias trajetórias, mas as conexões que existiam entre elas. Assim chegamos ao que Guattari (2004) chamou de *transversalidade* – alcançamos dimensões de subjetivação sem nos pretendermos a uma hierarquia da verticalidade do grupo, tampouco não nos prendemos às dinâmicas

horizontalizadas em busca de uma “coesão grupal” e identitária (Simonini; Romagnoli, 2018, p. 924).

Esse movimento dramático desestabilizou as relações poder-saber engendradas no espaço acadêmico do Centro, para fazer vibrar a “existência de mudança de posições e modificação das funções” (Kastrup; Barros, 2009, p. 77). Assim, ainda que uma certa timidez pudesse denotar o respeito a uma caduca hierarquia institucional, à medida que o enunciado tornava visíveis as dimensões da historicidade e da singularidade de cada aroma, surgiram linhas de conexão que atravessaram o nosso encontro, demonstrando a existência “do vaivém entre o ver e o dizer, [...] como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras” (Deleuze, 1996, p. 83-84). Ao colocarmos o dispositivo em funcionamento, acessamos uma vez mais nossa implicação com a processualidade da pesquisa, com o acompanhamento dos seus efeitos, com a transversalização dos “movimentos das subjetividades e dos territórios” (Kastrup; Barros, 2009, p. 77).

CartAgrafia: uma escrita na imanência

Considerando a importância da literatura e da produção do escritor Franz Kafka, cuja obra dá origem ao conceito de menor utilizado na pesquisa que dá origem ao presente trabalho, optamos por dar continuidade ao processo de escuta dos aromas, por meio da escritura de cartas. As cartas, conforme apontam Deleuze e Guattari (2017), compõem um elemento de grande importância na análise do conjunto da obra de Kafka – tanto aquelas escritas para suas namoradas, como aqueles dirigidas ao seu pai, publicadas postumamente em *Cartas ao Pai* (1952)⁶. Daí surge a ideia de

⁶ Na presente análise não nos interessa o quão as cartas de Kafka escritas ao seu pai foram analisadas pelo prisma da psicanálise freudiana, uma vez que ele assume, em correspondência com seu amigo Brond, ter feito uso da representação edípica para imprimir em seu pai um sentimento de culpa, ainda que soubesse que suas frustrações não derivavam da relação entre ambos (Deleuze; Guattari, 2017).

“CARTAGRAFAR”: ouvir pela escrita [Cartagrafar como composição das palavras carta e cartografia].

Contudo, em seus sentidos etimológicos, as palavras carta e cartografia já estão relacionadas. Carta deriva do grego *chártes*, pelo latim *charta*, com o sentido mais geral de comunicação devidamente acondicionada e endereçada a alguém. Os sentidos outros empregados à carta vão desde os escritos dos apóstolos (epístola) até jogos de baralho, passando por atos jurídicos e pelos mapas ou cartas geográficas (Cunha, 1986; Ferreira, 2009). O vocábulo cartografia, no entanto, aparece nos registros históricos apenas no século XIX,

criado pelo historiador português *Visconde de Santarém*, em carta de 8 de dezembro de 1839, escrita em Paris, e dirigida ao historiador brasileiro *Adolfo Varnhagen*. Antes da divulgação e consagração do termo, o vocábulo usado era *cosmografia* (Oliveira, 1983, p. 97).

Há uma notória composição entre tais palavras, posto que cartografia deriva de carta, nossa pretensão em apresentar-lhes um novo arranjo, qual seja, CartAgrafar, se dá pelo desejo, mas pela implicação de deslocarmos o seu sentido habitual de uma observação e análise puras para investi-las de uma invenção rizomática. Não buscamos, pois, uma representação gráfica do território de pesquisa, mais nos interessam a proximidade, as trocas, as composições, as invenções e as “inexatidões” (Deleuze; Guattari, 2011a), que as linhas que ele cria e aquelas que o atravessam podem produzir.

Ao nos aproximarmos da cartografia e fazermos dela uma companheira de caminhada, assumimos o compromisso de evitar os decalques e os grafismos. O mapa que pretendemos produzir se refere a um rizoma “sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 43). Por meio das cartas e da “cartografia”, foi possível mapear as itinerâncias desejantes e formativas dos autores e atores do nosso território de pesquisa e a partir delas imergimos nas possibilidades de como

cofuncionam a relação entre os processos institucionais (maioridade) e as práticas de minoridade no cotidiano daquele Centro de Ensino.

Se por um lado existe uma conexão mais direta entre as cartas e a cartografia, ouvir pela escrita não será para nós um artifício sinestésico pura e simplesmente. Conquanto ouvir implica a escuta e a percepção de sons pelo aparelho auditivo e escrever significa exprimir-se por escrito (Cunha, 1986), o território dessa mestiçagem linguística e literária será o de fazer “delirar” uma língua, impregná-la de usos outros – se há um “problema de escrever [ele] é também inseparável de um problema de ver e de ouvir” (Deleuze, 1997, p. 9, destaque nosso). Ouvir pela escrita é imergir no silêncio da presencialidade, criar imagens no pensamento, transpor os binarismos de uma escrita-raiz-radícula porque “nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática [...]” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 44) será suficiente para nos fazer ouvir. É preciso fazer mais, é preciso fazer rizoma, posto que

[...] cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 22).

Escolhemos ouvir pela escrita, porque “a escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível” (Deleuze, 1997, p. 11). Após as dobras e conexões que foram produzidas durante o nosso Encontro, a escritura das cartas compôs um território existencial de coprodução e dramatização, no qual estas pesquisadoras-aprendizes de cartógrafa se encontraram implicadas juntamente com os atores/autores do campo de pesquisa [e vice-versa?]. Cada um de nós “vai sendo provocado e contagiado pelas experiências de habitação, abandonando as formas rígidas, as regras fixas e experimentando a abertura de uma atenção flutuante [...]” (Alvarez; Passos, 2009, p. 147).

Ao investirmos na escrita como possibilidade de ampliarmos a capacidade de comunicação na nossa pesquisa, mantemos em nosso horizonte a sua origem etimológica; escrever tem a ver com cortar, produzir fissuras e rupturas no “eu” que escreve. Neste momento em que o “nós” é múltiplo, não porque quer esconder o “eu”, mas torná-lo singular em todas as suas potências, pretendemos acionar a nossa disponibilidade de ter atenção pelos afetos (Alvarez; Passos, 2009), permitindo sermos afetados pela escrita do outro e recompormos nossa própria escrita a partir deste encontro escrevente.

A fim de estimularmos a produção das cartas, criamos um ambiente virtual fechado, com acesso restrito aos aromas e às pesquisadoras, a partir do qual retomamos os pontos de entrada da nossa pesquisa, além de apresentarmos a relevância da escrita de cartas nas nossas vidas [sim, escrevíamos cartas]. Como a escrita sempre foi algo marcante na nossa trajetória, nos permitimos ser afetadas pelos seus sentidos e escrevemos nossa própria carta àquele Centro de Ensino. Nos utilizamos deste movimento diagramático para mantermos em nosso horizonte o quanto somos atravessados e afetados pelas multiplicidades da imanência – dos acontecimentos e singularidades deste mundo que nos escapa e a partir do qual somos atualizados.

Novamente afetadas pelos signos, aqui não advindos apenas da memória, nos colocamos novamente na experiência da aprendizagem, por concordarmos que “os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados” (Deleuze, 2003, p. 4) e pela leitura de *Kafka: por uma literatura menor* e pela importância das cartas na produção literária de tal autor, conforme destacamos anteriormente, a ideia das cartas surge muito antes de iniciarmos a pesquisa e foi tomando forma, criando seus bulbos até desenhar-se rizomaticamente na presente composição.

O encontro com os fluxos-escreventes de cada aroma foi-nos um movimento tanto das conexões que dele emergiam, tanto quanto de afastamento em relação à objetificação da escrita acadêmica, longe das hierarquizações e do imaginário que flutuam sobre a utopia que giram em torno da ideia de campo [aqui entendido como território] e sobre as pesquisadoras. Dito isso, cabe destacar uma vez mais, ainda que sobre um

novo prisma, ao assumirmos a cartografia como a intensidade que nos ajuda a conduzir esta caminhada, nos dobramos transversalmente como um rizoma, pelas conexões, multiplicidades e, principalmente, pela ruptura assígnificante, posto estarmos implicados com o processo de imanência que se constrói entre os diferentes níveis de planos e sentidos que encontramos no campo.

Ouvir pela escrita se configura tanto como um desafio como uma alternativa outra, a partir da qual escutamos nas entrelinhas, nos *entreespaços*, admitindo que nos seja permitido desnaturalizar o território, bem como o espaço-tempo das certezas para investi-las de um estranhamento, não apenas sinestésico, mas também significante, posto que “a retomada da escrita com papel e caneta é ao mesmo tempo desafiadora e encantadora [...] ver as palavras tomando forma no papel tem um ar nostálgico e saudosista” (Amendoim, CartAgrafia, 2022). Um lugar onde o eu em devir pode não ver, não esgotar as possibilidades, mas admitir as potencialidades daquilo que nos escapa, como que impulsionadas pelo impensado – não o que nunca foi pensando, mas o que se cria na imanência do pensamento.

Ler as cartas enviadas⁷ foi um movimento de muitas intensidades: algumas escritas à mão, outras digitadas, umas breves, outras longas, mas todas viscerais. Quando toda apreensão – sim, ela existiu – em recebê-las, torná-las parte deste fluxo escrevente se dissipou por meio da emoção, um conhecimento foi se produzindo, uma experimentação que não produziu “o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 14), preencheu um CsO-ovo, condutor de desejo. E desta constituição em modos desejantes, nos enveredamos pela difícil tarefa de “no desejo, distinguir o que remete à proliferação de estratos, ou bem à desestratificação demasiada violenta, e o que remete à construção do plano de consistência (vigiar inclusive em nós mesmos o fascismo, e também o

⁷ Dois aromas sinalizaram que teriam dificuldade em escrever a carta. Neste ponto, permitimos que todos os aromas preenchessem o espaço desta pesquisa do modo mais livre possível. Do contrário, toda a experimentação que ela sugere estaria comprometida. Ao final do período acordado para o recebimento das cartas, seis aromas apresentaram suas andanças e composições com o Centro de Ensino, outros iniciaram a escrita, mas não concluíram. Alguns produziram no silêncio.

suicida e o demente) (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 32). Dizer algo a partir das experiências dos aromas é nos colocarmos na posição de não reduzirmos suas narrativas em “meios disponíveis”, mas – de algum modo – potencializá-las a partir do nosso encontro, não pela constituição de verdades, e erros, mas de uma perspectiva para “além da moral” (Machado, 2017, p. 159).

Considerações provisórias

O nosso intento até aqui foi o de demonstrar não apenas uma experiência com a cartografia enquanto desenho metodológico, mas as multiplicidades engendradas em seus dinamismos. Ora, se as pesquisas em educação durante muitos anos estiveram pautadas nas estruturas lógico-matemáticas e binárias do pensamento e da produção de conhecimento, há naquela conjuntura uma prática representativa da realidade, que a concebe *a priori*, ou seja, uma realidade pronta, acabada que precisa ser desvelada pelo pensamento. Não há neste cenário produção de conhecimento, de práticas sociais, políticas e culturais.

Entendemos, pois, que a cartografia nos permite o exercício da experiência política articulada à produção do conhecimento acadêmico e social. Quando dizemos que a transversalidade da pesquisa desloca a sua centralidade unilateral, em torno da neutralidade científica e, portanto, do pesquisador/observador, também deslocamos a própria concepção da produção de conhecimento que não mais se concentra em um sujeito e/ou espaço, mas está pulverizada em torno das multiplicidades que compõem o nosso plano de imanência.

Assumir que as verdades com as quais nos deparamos no campo são provisórias e pertencem a um determinado espaço-tempo amplia a nossa potência criadora em torno da produção de conhecimento e da ação política, ao passo que nos movimentos juntos com as linhas que compõem a nós mesmas, ao espaço, ao território, às institucionalizações, ao tempo, às memórias, enfim, esse emaranhado de construções que somos nós e que nos

coloca em descontinuidade que desvelam o nosso inacabamento, mas também a potencialidade de estar em devir, em movimento.

Produzir uma pesquisa em educação se configura como um ato político de resistência aos modelos pré-estabelecidos, às práticas neoliberais que produzem subjetividades, um regime inconsciente que replica desigualdade de acesso aos direitos básicos e, às vezes, ao direito de existir (Rolnik, 2023).

Bom, mas o que tudo isso tem a ver com a cartografia? Seria ela uma salvação, um novo modelo eficaz de pesquisas em educação? Não, certamente não. Do contrário estaríamos reproduzindo exatamente aquilo que desejamos combater. A pesquisa cartográfica no momento presente é um fiapo do elã vital de que nos fala Bergson, ela produz sentido e significações neste espaço-tempo, pois nos permite abrir as fissuras que desejamos. Fissuras estas que nos permitem enxergar o outro lado do muro, antes de derrubá-lo, que nos permitem criar novos possíveis, novos caminhos, que não nos obrigam a observar algo ou alguém, mas nos conectarmos, assumindo, inclusive, que este fio condutor pode se romper logo mais adiante, embaralhe-se e produzir um nó... a distância mais curta entre dois pontos pode ser uma reta, mas o caminho não se constitui da previsibilidade a partir de um ponto de vista único.

Se a realidade não está pronta e acabada, aguardando que possamos reconhecê-la e a partir de então representá-la, ela é construída! E as construções em torno do humano não são previsíveis e exatas, elas são muito mais uma mistura, uma heterogênese, uma heterotopia. Nossa potência de pensar é mais urgente do que confirmar uma hipótese-prévia. Nesta seara, as pesquisas cartográficas têm nos mostrado que mais importante do que responder perguntas ao interagir com o campo é sair de lá com novas perguntas, produzir novos questionamentos. Assim, reafirmamos o que dissemos no início deste texto, pesquisar cartograficamente se relaciona com produzir caos e colocar o problema como motor do pensamento.

Referências

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.
- AROMA do café: entenda o que é e como identificá-lo. *Ucoffee*, 2019. Disponível em: <https://blog.ucoffee.com.br/aroma-do-cafe/>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- AS aranhas, os Guarani e os Guattari – outras notas para descolonizar o inconsciente. Suely Rolnik. *GUATTARI - vivência, potência e encontros - Conferência de Abertura*. 1 vídeo (3h 06min). Publicado pelo canal Agenciamentos. Transmitido ao vivo em 14 jun. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wz4mSg644ss>.
- CARDOSO, Carlos. *Rizoma: Curso de introdução ao pensamento de Deleuze e Guattari*. Curso online, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18468/pracs.2019v12n3.p141-148>. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N3tgYozEHrl&t=1397s>.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Nova Vega, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles. O Método de Dramatização. In: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953- 1974)*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004. p. 129-164.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. v. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. v. 4. Trad. Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. v. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. v. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O Coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 92-108.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos Manuel Barros de Motta. Trad. Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Pensadores & Educação).
- GALLO, Sílvio. *Currículo (entre) imagens e saberes*. Palestra proferida no V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo. Pedagogias (entre) lugares e saberes, 2007. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/GalloEntreImagenseSaberes.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.
- GALLO, Sílvio. Educação Menor: Produção de Heterotopias no espaço Escolar. In: GRUPO TRANSVERSAL. *Educação menor: conceitos e experimentações*. 2. ed. Curitiba: Appris, 2015, p. 71-84.
- GALLO, Sílvio; MONTEIRO, Alexandrina. Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. *REMATEC*, v. 15, n. 33, p. 185-200, 2020. DOI: <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2020.n33.p185-200.id228>. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/228>.
- GRUPO TRANSVERSAL. *Educação menor: conceitos e experimentações*. 2. ed. Curitiba: Appris, 2015.
- GUATTARI, Felix. *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 15-41.
- MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL Álamo. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/206/1/m%20rigor%20outro.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2021.

- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- MARCUSE, Herbert. A dialética da civilização. In: MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Zahar: Rio de Janeiro, 1969. p. 83-103.
- OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.
- PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 109-130.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PEZZATO, Luciane Maria; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Pesquisa-ação e pesquisa-intervenção: aproximações, distanciamentos, conjugações. In: L'ABBATTE, Solange; MOURÃO, Lúcia Cardoso; PEZZATO, Luciane Maria (Orgs.). *Análise Institucional e Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 149-179.
- RAIC, Daniele Farias Freire. *O pedagogo-bricoleur: diferenças nas tramas da pedagogicidade*. Curitiba: Appris, 2020.
- RESENDE, Natália Silva. *(In)traduções curriculares: cartografando as esquinas do atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar*. 2022. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação –, Vitória da Conquista, 2022.
- SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. *Café: classificação e degustação*. Brasília: SENAR, 2017.
- SILVA, Cíntia Vieira da. Intensidade e individuação: Deleuze e os dois sentidos de estética. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 29, n. 46, p. 17-34, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.29.046.DS01>.
- SIMONINI, Eduardo; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Transversalidade e esquizoanálise. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 2018, v. 24, n. 3, p. 915-929. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p915-929>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-11682018000300015. Acesso em: 15 abr. 2022.
- SOUZA, Josemary da Guarda de; RAIC, Daniele Farias Freire. Cartografia: Horizontes de uma perspectiva metodológica. GEPRÁXIS – VII SEMINÁRIO NACIONAL E IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL. *Anais [...]*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2021, v. 8, n. 10, p. 1-12. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9665>. Acesso em: 13 set. 2021.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1.044-1.064, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0023>. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12475>.

TADEU, Tomaz. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Anotações sobre as Relações entre Teoria e Prática. *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 113-140, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.22195/2447-5246v20n120152914>. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19627/10532>.

WORLD. *Coffee Research*, 2022. Disponível em:

<https://worldcoffeeresearch.org/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

ZOURABICHVILI, François. *O que é um devir para Gilles Deleuze? Conferência pronunciada em Horlieu (Lyon), no dia 27 de março de 1997*. Trad. Diogo Corrêa Silva. Revisão: Samantha Sales. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2019/12/O-que-%C3%A9-um-devir-para-Gilles-Deleuze-Parte-1.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Trad. e prefácio Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

Data de registro: 14/03/2024

Data de aceite: 25/09/2024